

PEREIRA, Paulo Alexandre (Org) 2. **Voltar a ler Augusto Abelaira**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008, 198p.

Augusto Abelaira, outrora e agora.

Leonardo Grossi Alvarenga*

Nas primeiras páginas do romance **Nem só mas também**, último livro escrito por Augusto Abelaira – publicado postumamente em 2004 –, o narrador lança-nos uma previsão funesta: “(...) provavelmente dentro de cinquenta anos só os arqueólogos lerão Joyce. Joyce e todos os outros, ler cansa” (ABELAIRA, 2004, p. 25). Não obstante a triste possibilidade que tal visão carrega, ainda há, felizmente, quem se dedique ao trabalho de leitura com afinco. Talvez porque a obra de alguns escritores traga uma inquietude tão patente, que fica difícil, para quem dela se aproxima – arqueólogo ou não – demonstrar qualquer sinal de cansaço. Este é o caso de Augusto Abelaira, que, como é bem sabido, gostava de “exigir” de seus leitores. E mesmo em seus momentos mais severos, o escritor português certamente não ficaria desapontado diante deste **Voltar a ler Augusto Abelaira**, uma coletânea de quinze estudos, produzidos por pesquisadores de instituições brasileiras e portuguesas, e reunidos sob a coordenação de Paulo Alexandre Pereira.

Em vida, Abelaira disse não acreditar na teoria literária, embora respeitasse o que ele chama de “boa crítica”¹, ou seja, a crítica capaz de desvendar, inclusive para o autor, o que haveria de mais oculto no texto. Embora o escritor não possa dar o seu aval, acreditamos que de boa crítica literária o livro está satisfatoriamente servido.

O que vemos neste segundo volume da série “Voltar a ler”² é resultado de leituras atentas que abordam as muitas particularidades de uma escrita que, por mais de quarenta anos, procurou retratar a difícil tarefa do homem do século XX de se engajar numa realidade cambiante, de regras escorregadias, tendendo ao absurdo, o que, no fim das contas, é também a natureza

* PUC Minas

1 - Em entrevista concedida ao Professor Márcio Serelle, publicada no primeiro número da Revista *Scripta*.

2 - O primeiro volume foi dedicado a Tomaz de Figueiredo, e o terceiro, já anunciado, abordará a obra de Aquilino Ribeiro.

da “luta” do escritor com as palavras, tão falaciosas quanto o homem, o único animal que escreve.

Entre análises que descortinam relevantes influências (de Mozart às curiosas releituras dos proustianos processos reminiscentes) ou apontam a localização histórica do escritor (que usou Hitler e Mussolini como co-rajosas, e inteligentes, metáforas para criticar Salazar), o valor do livro fica mais evidente ao transparecer a progressiva consolidação de um estilo inovador.

Assim, vale destacar o texto **A cidade das flores**: distopia ou utopia?, de Regina Zilberman, que mostra como o primeiro romance do escritor, publicado em 1959, já lançava as bases de uma escrita que, entre reflexões carregadas de intenções políticas, preocupava-se em questionar conceitos como “falso” e “verdadeiro”, antecipando procedimentos que seriam explorados nos livros posteriores e “consolidando as bases da poética narrativa de Augusto Abelaira, coerente desde seu livro de estréia” (p. 53). Além disso, percebemos que **A cidade das flores** já se apresentaria como um livro “concreta e materialmente posto à disposição do leitor.” (p. 55)

Cabe, portanto, contrapor a análise de Zilberman aos estudos que se ocupam dos livros que seriam produzidos futuramente, com destaque para “O que não: obliquidade e possibilidade ficcional em *Outrora Agora*, de Augusto Abelaira”, ensaio de Isabel Cristina Rodrigues – com destaque para a eclosão de uma “pessoana retórica do fingimento” (p. 183) –, além de “Sujeito e escrita em tempos pós-modernos – uma leitura de **Nem só mas também**, de Augusto Abelaira”, de autoria de Edimara Luciana Sartori – reparando no pertinente diálogo com as teorias “líquidas” muito atuais de Zygmunt Bauman, justas se pensarmos o quanto Abelaira “explorou incansavelmente a linguagem para simbolizar a complexidade do mundo, desvelando a fragilidade das certezas do nosso cotidiano através dos artifícios da composição escrita” (p. 192). São trabalhos que atestam, pois, o comprometimento do escritor com o aprimoramento de sua poética.

Atentemos também para os textos que contribuem para uma visão mais ampla da produção abelairiana, como é o caso de “Vozes silenciadas: o teatro de Augusto Abelaira”, de M. de Fátima M. Albuquerque, que aborda de forma competente a produção teatral do escritor, revelando interessantes

particularidades da “transição” do romancista para o “criador de peças de teatro” (p. 74), como o próprio Abelaira se denominava. Na mesma linha, vale ler “‘Dá tanto trabalho ser feliz’: os contos de Augusto Abelaira”, estudo de António Manuel Ferreira dedicado a **Quatro paredes nuas** (com uma breve, e interessante, “genealogia do conto” nas primeiras páginas do texto); ou, ainda, “Alegorias do Outono: Abelaira, leitor de Huizinga”, de Paulo Alexandre Pereira, onde vemos a relevância da leitura da obra **O declínio da Idade Média** (livro de Johan Huizinga, traduzido por Abelaira) como influência para ideias coligidas em alguns romances, especialmente **O triunfo da morte**.

Ponto alto da publicação, no entanto, são as reflexões que evidenciam, preferencialmente, a relação de cumplicidade que Abelaira cultivava com as palavras, sendo interessante notar a análise que Vilma Arêas faz da peça **A palavra é de oiro**, em “A comédia segundo Augusto Abelaira”. Recomenda-se também o instigante estudo de Carlos Machado, “O léxico da amargura”, onde percebemos, além de uma abordagem preocupada com a profunda reflexão linguística do escritor, e após um mapeamento ideológico das características inerentes ao texto, a descoberta de propósitos hermenêuticos no niilismo de alguns personagens de Abelaira. “De facto, o niilismo que afecta as personagens não corresponde a uma visão radicalmente destrutiva do universo, mas antes a um reconhecimento da importância cada vez maior do processo hermenêutico como constitutivo do próprio saber (...) (p. 33), indicando que as palavras estariam além do bem e do mal, substituindo as ações humanas – já que as palavras seriam como “ações concretas”, ou a “essência do humano”; enfim, questionando as “hierarquias entre a realidade e a sua representação linguística” (p. 34), através de um “léxico da amargura” (p. 42).

Para leitores menos familiarizados com o autor em pauta, é de grande ajuda o ensaio que abre o livro: “Escrever na água, com Augusto Abelaira”, de Lélia Parreira Duarte, já que a autora realiza, nas páginas iniciais de seu estudo, um útil apanhado dos romances do autor de **O bosque harmonioso**, em ordem cronológica, anotando o teor reflexivo de cada fase, com destaque para a ironia e para a já referida intenção de inserir o leitor no “jogo” literário - jogo que, muito bem disfarçado nas entrelinhas, surge aqui, na segunda parte do estudo, satisfatoriamente “ilustrado” para o lei-

tor, através da acertada ligação do protagonista de **Outroira Agora** com o controverso *Bartleby*, de Melville.

Ademais, apontando um tipo de unidade nos trabalhos coligidos, nota-se que praticamente todos tendem a afirmar, calcados em diferentes bases teóricas, que nas páginas de Abelaira está contida a intenção, talvez primordial, de afirmar a autonomia do texto literário; sendo que a habilidade do escritor estaria mais flagrante na evidenciação de um artiloso discurso metalinguístico do que na preocupação em tentar definir quem é o sujeito por trás da fala – como breve exemplo, digamos que Carlos Machado chega a empregar o título de “A linguagem como meta: a metalinguagem inescapável” (p.31), em uma das seções de seu artigo. Vemos, ainda, confirmar-se outra conclusão já anunciada (inclusive pelo próprio Abelaira): a de que o escritor, em suas diversas obras, estaria reescrevendo sempre o mesmo romance, emitindo, no entanto, discursos cada vez mais eficientes não em busca de uma verdade absoluta, mas atestando que, absolutamente, não há respostas que tranquilizem a sensação de inutilidade dos esforços humanos, incluindo-se aqui, evidentemente, a criação literária.

Porém, mesmo sendo questionável a utilidade do fazer literário, uma análise das obras de Abelaira, bem como a impressão que fica após essas (re)leituras, revela o quanto o escritor esteve comprometido com o ato da escrita, o que nos coloca diante de um artista que, como nas palavras de Lobo Antunes, em crônica dedicada ao escritor, merece reverência por (ainda) nos fazer acreditar “na esperança da salvação pela palavra e do trabalho [literário] como razão de ser” (ANTUNES, 2005, p. 97). Esperança esta que, por enquanto, refuta profecias como a que citamos no início desta resenha. De qualquer forma, é sempre bom voltar a ler Augusto Abelaira, e bom também seria se, no Brasil, mais gente ao menos começasse a lê-lo.

Referências

ABELAIRA, Augusto. **Nem só mas também**. Lisboa: Presença, 2004.

ANTUNES, António Lobo. Augusto Abelaira: escritor. In: ANTUNES,

António Lobo. **Terceiro livro de crônicas**. Lisboa: Dom Quixote, 2005, p. 95-97.

SERELLE, Márcio. Entrevista Augusto Abelaira. In: **Scripta**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2º sem. 1997, p. 283-287.